

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Leilane de Sousa Borba da Silva**

**GYPSY ROSE E DEE DEE BLANCHARD À LUZ  
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA: O COMPLEXO  
MATERNO**

**Taubaté – SP**  
**2019**

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Leilane de Sousa Borba da Silva**

**GYPSY ROSE E DEE DEE BLANCHARD À LUZ  
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA: O COMPLEXO  
MATERNO**

Trabalho de Graduação apresentado  
para a obtenção do Diploma de  
Psicólogo pelo curso de Graduação  
em Psicologia do Departamento de  
Psicologia da Universidade de  
Taubaté

Orientador: Prof. Me. Marcelo de  
Oliveira Fonseca

**Taubaté – SP**  
**2019**

**LEILANE DE SOUSA BORBA DA SILVA**

**GYPSY ROSE E DEE DEE BLANCHARD À LUZ DA PSICOLOGIA  
ANALÍTICA: O COMPLEXO MATERNO**

Trabalho de Graduação apresentado para a obtenção do Diploma de Psicólogo pelo curso de Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Me. Marcelo de Oliveira Fonseca

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado forças e saúde para superar todas as dificuldades que tive durante minha formação.

Agradeço também a toda minha família, pois estiveram ao meu lado o tempo inteiro me apoiando na minha formação. Obrigada por apoiarem todas as minhas decisões.

Agradeço a todos os meus professores e supervisores durante toda a graduação. Obrigada por me mostrarem os caminhos, por todo o suporte teórico, por me incentivarem e por toda a troca.

Agradeço ao meu companheiro e namorado, Jeziel Andrade, que esteve ao meu lado desde o momento em que eu escolhi a abordagem analítica para seguir e que esteve comigo durante toda a construção desse trabalho. Obrigada pela força toda que me deu durante todos os momentos difíceis. Obrigada por sempre acreditar em mim!

Agradeço aos meus amigos Josué, Felipe, Alexia, Beatriz e Tamyres, que sempre se interessaram em me ouvir, sempre me apoiaram e sempre me acompanharam em cada ideia que tive. Obrigada pelos ensinamentos, por todo o suporte e por todo o carinho!

Agradeço também ao meu orientador, professor Marcelo Fonseca, que incentivou o desenvolvimento desse estudo, sempre me auxiliando.

"Árvore nenhuma cresce em direção ao céu se suas raízes  
também não se estenderem até o inferno."

Carl Gustav Jung

## RESUMO

Os mitos são aquilo que os indivíduos têm em comum: histórias da busca da verdade, de sentido e de significação através dos tempos. Os mitos se referem a situações que todo ser humano se depara ao longo de sua vida e que são decorrentes de sua condição humana. Toda mitologia é a consciência vindo à tona, pois tudo está sendo observado através de outra perspectiva. A psicologia analítica compreende que os seres humanos desenvolvem sua subjetividade através das experiências culturais, pessoais e das arquetípicas universais. No presente trabalho são apresentadas teorias e conceitos de Carl Gustav Jung, especialmente o de complexo materno, especificando o efeito dele na mulher. O complexo materno, seja ele positivo ou negativo, contribui com marcas significativas para a pessoa. Além disso, o complexo materno está entre os elementos que mais exercem influência sobre a psique e desenvolvimento humano. Assim, neste trabalho são apresentadas algumas considerações acerca do complexo materno e alguns arquétipos, utilizando como exemplo principal o caso Gypsy e Dee Dee Blanchard, um crime de homicídio em que a filha, Gypsy, planejou a morte da sua mãe, Dee Dee, junto com o seu namorado, Nicholas Godejohn, no ano de 2015. Para este trabalho, foi realizada a pesquisa de revisão bibliográfica, na qual se buscou entender e compreender o caso de Gypsy e Dee Dee à luz da teoria de Carl Gustav Jung. Pelo estudo realizado foi possível observar as consequências que a influência tóxica de uma mãe pode trazer na vida de uma filha e a importância de se resolver questões da vida no lado simbólico para não se resultar pelo lado concreto.

Palavras chave: Psicologia Analítica; Complexo Materno; Arquétipo.

## **ABSTRACT**

Myths are what individuals have in common: stories of seeking truth, meaning, signification over time. The myths always refer to situations that human beings face throughout their lives, arising from their human condition. All mythology is consciousness brought to light, for everything is being observed from another perspective. Analytical psychology understands that human beings develop their subjectivity through cultural, personal, and universal archetypal experiences. In the present work, Carl Gustav Jung's theories and concepts are presented, especially the mother complex, specifying its effect on women. The mother complex, whether positive or negative, contributes with significant effects to the person. Furthermore, the mother complex is among the most influential elements on the psyche and human development. Thus, some considerations about the mother complex and some archetypes are presented in this paper, using as main example the case Gypsy and Dee Dee Blanchard, a homicide in which the daughter Gypsy planned the death of her mother Dee Dee with her boyfriend, Nicholas Godejohn, in the year 2015. A research of bibliographical review was carried out, which sought to understand and comprehend the case of Gypsy and Dee Dee considering the theory of Carl Gustav Jung. The study showed the consequences which a toxic influence of a mother could have on the life of a daughter and the importance of solving symbolic life issues, so they do not result in concrete ones.

Keywords: Analytical Psychology. Mother Complex. Archetype.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 JUSTIFICATIVA .....	13
1.2 OBJETIVOS .....	13
1.2.1 Objetivo Geral .....	13
1.2.2 Objetivos Específicos .....	14
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	15
2.1 O CASO .....	15
2.1.1 Dee Dee Blanchard e a provável Síndrome de Munchausen por Procuração .....	15
2.1.2 A história de Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard .....	15
2.1.3 Nicholas Godejohn e sua relação com Gypsy Rose .....	18
2.1.4 O crime .....	19
2.1.5 A descoberta .....	19
2.1.6 A condenação e situação atual de Gypsy e Nicholas .....	20
2.2 PSICOLOGIA ANALÍTICA .....	21
2.2.1 Psique .....	21
2.2.2 Consciência .....	22
2.2.3 Ego .....	22
2.2.4 Inconsciente Pessoal .....	23
2.2.5 Complexos .....	23
2.2.6 Inconsciente Coletivo .....	25
2.2.7 Arquétipo .....	25
2.3 O COMPLEXO MATERNO .....	29
2.3.1 Possibilidades do Complexo Materno .....	30
2.3.1.1 A hipertrofia do Complexo Materno .....	30
2.3.1.2 A exacerbação do Eros .....	30
2.3.1.3 A identificação com a mãe .....	31
2.3.1.4 A defesa contra a mãe .....	31
<b>3 MÉTODO</b> .....	33
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	34



4.1 O mito na atualidade – Filme “Enrolados” (2010) .....	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), Honduras é o país cujo maior índice de homicídios no mundo, com 55,5 homicídios a cada 100 mil pessoas. O Brasil, por sua vez, tem o nono maior índice de homicídios do mundo; as taxas brasileiras de homicídio são cinco vezes maiores que a média mundial e atingiram 31,1 pessoas a cada 100 mil habitantes (2018).

O artigo 1º da Lei de Introdução do Código Penal Brasileiro define o crime da seguinte forma:

Considera-se crime a infração penal a que a lei comina pena de reclusão ou de detenção, quer isoladamente, quer alternativamente ou cumulativamente com a pena de multa; contravenção, a infração penal a que a lei comina, isoladamente, pena de prisão simples ou de multa, ou ambas, alternativa ou cumulativamente (decreto-lei n. 2.848, de 7-12-1940).

Sendo assim, o crime é considerado como um fenômeno social que preocupa a sociedade e as ciências penais e criminais. De modo geral, o crime é um fator desencadeado por uma ação delinquente, cujo praticante merece ser punido.

Segundo Sá (2007), o crime existe desde o surgimento do homem, da criação dos mitos da humanidade, desde a bíblia: no livro Gênesis, Deus proíbe Adão e Eva de comerem o fruto proibido, é desobedecido e a atitude de Deus é expulsar ambos do paraíso sem piedade, fazendo-os perder o direito à condição de vida divina que tinham. Sendo assim, Sá (2007) conclui que a motivação do que ele chama de “primeiro crime do homem” foi uma revolta com a prisão dada pelo seu criador. O autor afirma que esse primeiro crime não consistiu como um ato de violência, porém a sua razão foi um ato de violência determinada pelo uso autoritário do poder e da força, o que causou a privação de um direito crucial para o homem, que seria comer o fruto da árvore.

Sá (2007) afirma que o segundo crime do homem foi totalmente diferente do primeiro, pois foi um crime de homicídio provocado por ira e inveja. Caim matou seu irmão Abel porque Deus aceitou a oferta de seu irmão, mas não aceitou a sua. Desse modo, o segundo crime do homem foi um ato de violência explícita.

As histórias da mitologia grega são semelhantes às histórias bíblicas. Bergeret (1990) apud Sá (2007) afirma que a mitologia grega é repleta de atos de violência e de crimes dos deuses entre si, entre deuses e homens e entre os membros das famílias dos homens, crimes estes que sempre revelam poder, inveja, rivalidade, ciúme e sexualidade.

Apesar de serem citados na bíblia e nas mitologias, os crimes em ambas as histórias são vistos como homicídios a partir das leis penais. O homicídio está previsto no artigo 121 do Código Penal, e é a eliminação da vida de uma pessoa por outra. Ele pode ser culposo, ou seja, quando não há intenção de matar; e doloso, sendo este quando o agente do crime quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo.

Ouve-se correntemente dizer: eu tenho um complexo materno, ele tem um complexo de superioridade, ela tem um complexo de inferioridade, e assim por diante. Há algo de incorreto nessas expressões. A verdade é que não somos nós que temos o complexo, o complexo é que nos tem, que nos possui. Com efeito, o complexo interfere na vida consciente, leva-nos a cometer lapsos e gafes, perturba a memória, envolve-nos em situações contraditórias, arquiteta sonhos e sintomas neuróticos. O complexo obriga-nos a perder a ilusão de que somos senhores absolutos em nossa própria casa (SILVEIRA, 1997, p. 30).

Portanto, ao lado de seu papel negativo tão proclamado, os complexos poderão desempenhar uma função positiva. Quando se fala de mito, segundo Sá (2007), também se revelam verdades profundas da realidade e da mente do homem. Em todo ser humano, independentemente de seu tempo, suas circunstâncias e sua classe social, existem problemas relacionados a ódio, paixão, inveja, ambição, fortuna, perdão, julgamento, calúnia, crime, equilíbrio etc. São problemas presentes em todo o mundo, inclusive na trama da comunicação, como a arte, o teatro, as novelas, as notícias publicadas na mídia, os noticiários sobre crimes, entre outros.

O mitólogo Joseph Campbell (1990, p.10) analisou extensamente sobre a mitologia em todos os seus anos de estudo. Segundo ele, “a mitologia é a canção do universo – música que nós dançamos mesmo quando não somos capazes de reconhecer a melodia”. É tudo aquilo que os seres humanos têm em comum: histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação através dos tempos. São metáforas da potencialidade espiritual do ser humano. Assim, apesar de sua antiguidade, os mitos tendem a se repetir e se atualizar com o

tempo, seja na realidade ou na ficção. Ou seja, algumas histórias fictícias (como filmes, livros etc) acabam ressignificando mitos que já foram relatados há muito tempo na humanidade.

A partir disso é que se inicia a relação dos mitos com os arquétipos que, segundo Jung (1942), são conteúdo do inconsciente coletivo que surgem de forma simbólica na consciência. Sendo assim, os mitos se referem sempre a situações que todo ser humano se depara ao longo de sua vida, decorrentes de sua condição humana. São exemplos dessas situações: o nascimento, o casamento, o envelhecimento, a morte etc. Assim, como afirma Cardozo (2005) apud Ulson (1995), os mitos explicam, auxiliam e promovem as transformações psíquicas que se passam, sendo essas de nível individual ou coletivo de alguma determinada cultura.

No presente trabalho são apresentadas teorias e conceitos de Carl Gustav Jung, especialmente em relação ao complexo materno, especificando o efeito dele na mulher. De acordo com Jung, o complexo, apesar de não ser patológico, pode trazer dificuldades ao indivíduo. O complexo materno, seja ele positivo ou negativo, contribui com marcas significativas para a pessoa. Além disso, o complexo materno está entre os elementos que mais exercem influência sobre a psique e o desenvolvimento humano. Nesse sentido, a interação entre mãe e filha/filho é de grande importância para os relacionamentos posteriores da pessoa com ela mesma e com o mundo. Assim, serão apresentadas neste trabalho algumas considerações acerca do complexo materno, utilizando como exemplo principal o caso Gypsy e Dee Dee Blanchard, um crime de homicídio no qual a filha Gypsy planejou a morte da sua mãe, Dee Dee, junto com o seu namorado, Nicholas Godejohn, no ano de 2015.

## **1.1 Justificativa**

O tema do presente trabalho apresenta uma grande relevância: a importância da interpretação psicológica em crimes violentos e a compreensão da história de vida do sujeito, o que leva à reflexão de se discutir sobre saúde mental.

O caso escolhido para ser apresentado nesse trabalho, de Gypsy e Dee Dee Blanchard, ilustra essa reflexão a partir das análises na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, compreendendo e contextualizando o complexo materno, sendo assim importante, também, para o desenvolvimento das atividades profissionais do psicólogo da abordagem junguiana.

## **1.2 Objetivos**

### 1.2.1. Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é levantar considerações acerca da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung em relação ao caso Gypsy e Dee Dee Blanchard.

### 1.2.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são explicar, por meio da teoria da Psicologia Analítica, os principais aspectos do caso Gypsy e Dee Dee; analisar aspectos da personalidade de Gypsy Rose acerca da teoria do Complexo Materno; ampliar novas possibilidades de interpretação e perspectivas sobre o caso Gypsy e Dee Dee através dos conceitos da Psicologia Analítica formulados por Jung.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 O Caso

#### 2.1.1. Dee Dee Blanchard e a síndrome de Munchausen por Procuração

A Síndrome de Munchausen (SM) foi identificada pela primeira vez pelo psiquiatra britânico Richard Asher (1951) e é apresentada quando o paciente se mostra intensamente e dramaticamente doente, com a habilidade de simular sintomas e até necessitar de internações prolongadas, procedimentos de diagnósticos invasivos, longo tempo de terapia com os mais variados medicamentos e cirurgias.

Meadow (1977) apud Ferrão e Neves (2013) identificou a Síndrome de Munchausen por Procuração (SMP). Desde 1980 a doença é listada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, conhecido pela sigla DSM. A síndrome de Munchausen por Procuração, segundo Ferrão e Neves (2013), é um tipo de abuso em que um cuidador simula sinais e sintomas na criança ou em qualquer indivíduo vulnerável que esteja sob os seus cuidados, com a intenção de obter atenção e simpatia. Apesar de raro, na maioria das vezes ocorre entre mãe e filho. Como consequência, a vítima é submetida a repetidas internações e exposição a exames e tratamentos potencialmente perigosos e desnecessários, gerando sequelas psicológicas e físicas, podendo levar a morte.

Claudine Blanchard (conhecida como Dee Dee) foi morta antes de ser diagnosticada com SMP, porém houve certos parâmetros que os médicos citam como alertas para possíveis casos de Munchausen por Procuração, parâmetros esses que são citados com mais detalhes a seguir. Em 2007 o neurologista infantil que Dee Dee procurou para Gypsy, Dr. Bernardo Flasterstein, suspeitou que algo não estava correto e escreveu na ficha de Gypsy: *“Analisando todos os fatos, e depois de conversar com o antigo pediatra dela há uma grande possibilidade de Münchausen por procuração, talvez com alguma etiologia subjacente que explique os sintomas”*. Após esse ocorrido, segundo Dean (2016), Dee Dee parou de procurá-lo.

### 2.1.2. A história de Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard

Segundo Johnston (2017), Gypsy Rose Blanchard nasceu no dia 27 de julho de 1991, em Lafourche Parish, localizada no estado de Luisiana. Ela tinha 23 anos na época do crime. Quando foi presa pelo assassinato de sua mãe, Gypsy disse à polícia que tinha 19 anos, pois ela não sabia a própria idade, já que sua mãe, Dee Dee, mentia sobre a idade para ela.

Gypsy nasceu saudável, porém aos três meses de idade Dee Dee convenceu-se de que Gypsy tinha apneia do sono e que assim pararia de respirar no meio da noite. Dean (2016) conta que após esse fato Dee Dee passou a levar Gypsy frequentemente ao hospital. De acordo com seu pai, Rod Blanchard, os médicos não encontraram nenhum problema, porém Dee Dee começou a afirmar para Rod que Gypsy tinha vários problemas de saúde, incluindo uma anomalia cromossômica. Após esse período, mãe e filha se mudaram para Slidell, próximo de Nova Orleans.

Segundo Dean (2016), Dee Dee passou a dizer aos médicos que Gypsy tinha convulsões a cada dois meses e eles receitavam remédios. Também insistia que a filha tinha distrofia muscular, mas as biópsias dos músculos provavam que o problema era inexistente. Afirmava, ainda, que Gypsy tinha problemas de visão e audição. Além do mais, Dee Dee dizia a Rod que Gypsy não sobreviveria até os 18 anos. Os médicos, segundo a autora, operaram a menina. Com a comoção do público, ambas conseguiram morar em casas do governo, recebiam ajuda de várias instituições de caridade e até ganhavam viagens para a Disney World, uma vez que Gypsy e Dee Dee gostavam muito das histórias da Disney e a menina possuía várias fantasias de princesas.

Segundo Dean (2016), no ano de 2005 a cidade de Slidell foi atingida pelo furacão Katrina e Dee Dee passou a dizer a todos que perdeu o histórico médico de Gypsy na enchente. Em 2008 ambas se mudaram para Springfield, no estado de Missouri. Mãe e filha moravam em uma casa que foi construída pela Habitat for Humanity, uma ONG internacional que constrói casas para pessoas carentes. A casa tinha adaptações especiais para as “condições” de Gypsy.

Dean (2016) afirma que, quando Gypsy completou 18 anos de idade, seu pai, Rod, ligou para desejar felicidades. Dee Dee, então, pediu a ele para não lhe falar a sua idade verdadeira, pois Gypsy acreditava que tinha 14 anos. Disse



que se ela soubesse sua idade verdadeira, ficaria chateada. Rod aceitou o conselho. Ele não via Gypsy desde que ela havia se mudado com Dee Dee para Springfield. A mãe dizia a todos que Rod era caloteiro, alcoólatra e viciado em drogas, além de dizer que ele nunca havia mandado dinheiro, nem mesmo quando ambas perderam tudo no furacão Katrina. Mais tarde isso foi desmentido pelo próprio Rod, que relatou que mandava 1.200 dólares de pensão alimentícia e sempre mandava os presentes que Dee Dee pedia, como TVs e um Nintendo Wii. Ele continuou mandando mesmo depois de Gypsy completar 18 anos de idade, pois Dee Dee dizia que Gypsy necessitava de cuidados especiais.

Gypsy, segundo Dean (2016), foi criada acreditando ter um grande histórico de doenças, como epilepsia, problemas visuais, estomacais (refluxo), pulmonares e cardíacos, asma, apneia do sono e leucemia. Gypsy tinha sempre a cabeça raspada pela mãe, que usava como justificativa o fato de o câncer fazer o cabelo cair. Dee Dee possuía um armário cheio de remédios para todos esses problemas. Os problemas verdadeiros que Gypsy apresentou foram causados pela grande quantidade de remédios que ela ingeria. Ela também utilizava um aparelho respiratório todas as noites para dormir, o qual ela dizia que sentia a respiração piorar, assim como utilizava um tubo para se alimentar, pois Dee Dee dizia que Gypsy não podia se alimentar sem ele.

[...] As crises médicas intermináveis cobraram seu preço. Gypsy era amistosa e às vezes falante, mas sua voz era fina, e ela soava como uma criança. Dee Dee lembrava as pessoas que sua filha tinha sofrido danos cerebrais. Ela tinha de estudar em casa, porque jamais seria capaz de acompanhar os colegas da escola. Gypsy tinha a idade mental de uma criança de sete anos, dizia Dee Dee. Era importante lembrar-se disso ao falar com a menina. Ela adorava se arrumar e vestir roupas de princesa. Usava perucas e chapéus para esconder a cabeça pequena. A peruca de Cinderela, sua favorita, aparece em várias fotos dela com a mãe. As duas estavam sempre juntas [...] (DEAN, 2016, s/p).

Anos se passaram e Gypsy continuava nas mesmas condições, porém tudo ficava cada vez mais difícil, uma vez que Gypsy crescia e se sentia cada vez mais presa à Dee Dee. Johnston (2017) conta que, em 2011, Gypsy conheceu um homem de 35 anos numa convenção científica e fugiu com ele para o seu quarto de hotel. Dee Dee encontrou os dois e ficou furiosa, alegando para o homem que Gypsy tinha apenas 15 anos de idade, quando na verdade

ela tinha 19 anos. Dee Dee destruiu o computador de Gypsy com um martelo e, quando ganhou um novo, só podia entrar na internet sob a supervisão da mãe.

Após o ocorrido, Gypsy passou a perceber que havia algo de errado com a sua vida, pois, segundo Dean (2016), ela começou a se perguntar quais seriam os motivos pelos quais ela não podia ficar sozinha ou ter amigos. Gypsy tinha amizade com sua vizinha, Aleah Woodmansee, porém raramente as duas ficavam sozinhas e sem a presença de Dee Dee. Gypsy contava seus segredos para a amiga através de uma conta secreta no Facebook, sob o nome de Emma Rose, pois Dee Dee e Gypsy já possuíam uma conta em conjunto. Assim, Dee Dee não poderia saber que Gypsy tinha uma conta em redes sociais sem a supervisão dela.

Segundo Dean (2016), Gypsy contou a Aleah que tinha um namorado secreto na internet e que o havia conhecido em um site de relacionamento cristão. Seu nome era Nicholas Godejohn. Gypsy disse à Aleah que ainda não havia contado para a mãe, pois sabia que Dee Dee não aprovaria o relacionamento e que ela não podia sair com homens, embora morresse de vontade de crescer e ter um namorado.

### 2.1.3. Nicholas Godejohn e sua relação com Gypsy Rose

Na época do crime, Nicholas Godejohn morava em Big Bend, no estado de Wisconsin, com a sua família. Ele e Gypsy, segundo Johnston (2017), se conheceram em outubro de 2012, em um site de relacionamento cristão, e Nicholas disse a ela que não se importava que estivesse em uma cadeira de rodas. Gypsy estava bolando um plano para que Dee Dee conhecesse Nicholas casualmente no cinema. Após isso, Gypsy tinha esperanças de tornar público o relacionamento. Ela e Nicholas planejavam se casar em 2017 e já conversavam sobre nomes para os seus filhos.

Nicholas, segundo Dean (2016), dizia para Gypsy que tinha múltiplas personalidades e gostos BDSM (bondage, disciplina, submissão, sadismo e masoquismo). Ele e Gypsy tinham costume de trocar fotos fantasiados, pois ele dizia que as outras personalidades também precisavam de namoradas: “Victor”, um vampiro de 500 anos de idade, era o lado mau de Godejohn, enquanto “Ruby” era de Gypsy (ela usava uma peruca vermelha).

Em 2015, Gypsy e Nicholas colocaram o plano do cinema em prática, porém não deu certo, pois Dee Dee não gostou de Nicholas e logo a proibiu de vê-lo. Segundo Johnston (2017), Nicholas e Gypsy arquitetaram o “Plano B”, que consistia no assassinato de Dee Dee Blanchard. Em 2019 Gypsy disse em entrevista com Phil McGraw que não arquitetou o crime por ódio, mas sim por ver como a única opção de fuga. Disse que realmente pediu a "Victor", e não a Nicholas, para matar sua mãe.

#### 2.1.4. O crime

De acordo com Johnston (2017), Nicholas chegou à porta da casa das Blanchard quando Dee Dee já estava dormindo. Gypsy Rose o deixou entrar, mostrou onde ficava o quarto de sua mãe e esperou por ele no banheiro enquanto ele esfaqueava Dee Dee até a morte. Dee Dee acordou assustada e gritou por Gypsy algumas vezes, e depois tudo ficou em silêncio. Após o assassinato, Gypsy e Nicholas roubaram mais de 4 mil dólares do cofre de Dee Dee e ambos foram para o hotel em que Nicholas estava hospedado. No dia seguinte, eles viajaram de ônibus para a casa dele, em Wisconsin. Gypsy resolveu publicar na conta do Facebook conjunta com Dee Dee cinco dias depois do crime para alarmar, pois queria que o corpo de sua mãe fosse encontrado logo.

#### 2.1.5. A descoberta

Na tarde do dia 14 de junho de 2015, segundo Johnston (2017), os amigos de Gypsy e Dee Dee notaram uma publicação que consideraram bastante incomum na página do Facebook das duas. A publicação dizia *“a p\*\*\* está morta”*. Em seguida, foi publicada outra frase: *“eu rasguei aquela porca gorda no meio e estupro a filha inocente dela... Ela gritou alto pra c\*\*\*\*\* rs”*. Os primeiros comentários foram de amigos surpresos com as palavras da publicação. Conseqüentemente, resolveram chamar a polícia, que só conseguiu o mandato para entrar na casa à noite. Assim que a polícia entrou na casa, o corpo de Dee Dee Blanchard foi encontrado. Ela estava esfaqueada e morta há vários dias e Gypsy foi dada como desaparecida.

A polícia logo foi informada, segundo Dean (2016), por Aleah sobre um namorado secreto que Gypsy havia conhecido pela internet. Ela mostrou as mensagens de Facebook para os policiais, que começaram a rastrear os posts da conta de Dee Dee. O endereço IP estava registrado em nome de Nicholas Godejohn, da cidade de Big Bend, Wisconsin. Assim, segundo Johnston (2017), no dia 15 de junho a polícia foi à casa de Godejohn. Ele se rendeu rapidamente. Gypsy estava com ele e passava bem.

No dia seguinte, o xerife de Springfield disse a frase *“as coisas nem sempre são o que parecem”* sobre o caso de Gypsy e Dee Dee. Isso, porque, segundo Johnston (2017), Gypsy não utilizava a cadeira de rodas fazia alguns dias por não precisar, já que conseguia andar normalmente e não havia nada errado com seus músculos. Também não tinha consigo seus remédios nem o tanque de oxigênio. Seu cabelo estava curto e espetado, porém ela não era careca. A verdade era que a sua cabeça havia sido raspada a vida toda para que sua aparência fosse de doente. Ela falava com clareza, apesar do choque dos acontecimentos recentes. Era tudo mentira. Até os últimos detalhes. Tinha sido tudo ideia de sua mãe.

Quando tudo foi esclarecido, a situação deixou os vizinhos com o sentimento de culpa. Aleah disse, segundo Dean (2016), que gostaria que Gypsy tivesse a procurado e outras pessoas disseram o mesmo, mas Gypsy disse que jamais acreditou que a vida dela fosse mudar até conhecer Nicholas Godejohn.

#### 2.1.6. A condenação e situação atual de Gypsy e Nicholas

Segundo Johnston (2017), Gypsy confessou ter cometido assassinato não-premeditado. O juiz a sentenciou a dez anos de prisão, a pena mínima. Ela poderá pedir liberdade condicional em 2023, quando terá 32 anos de idade. Nicholas Godejohn, que foi o responsável por esfaquear Dee Dee, foi condenado à prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional. Segundo Johnston (2017), o psicólogo Kent Franks que examinou Nicholas chegou à conclusão de que ele tem transtorno do espectro autista. Apesar de Nicholas dizer a Gypsy sobre suas outras personalidades, nada disso foi diagnosticado. O psicólogo disse que Nicholas tem um QI de 82, funciona como um jovem de 10 ou 11 anos, e estava em aulas de educação especial. Kent Franks testemunhou

dizendo que Nicholas matou Dee Dee Blanchard para resgatar sua filha, Gypsy, e que ele sentia que "estava fazendo a coisa certa". Ele disse que a capacidade de Nicholas de entender a gravidade de sua situação era "infantil".

## 2.2 Psicologia Analítica

O presente trabalho tem como base a perspectiva da Psicologia Analítica. Segundo Hall e Nordby (2014), a Psicologia Analítica foi constituída por Carl Gustav Jung, nascido na Suíça no dia 26 de junho de 1875. Jung se formou em medicina no ano de 1900, embora jamais tivesse praticado a clínica geral. Mais tarde se tornou psiquiatra, atendendo de início em um hospital, em seguida em uma clínica para doentes mentais e depois em seu consultório particular. Além disso, também foi professor universitário. Jung esteve muito ligado à escola freudiana de Psicanálise, onde Freud e Jung mantiveram uma colaboração científica e uma amizade pessoal no período entre 1907 a 1912. Depois de romper com Freud, Jung desenvolveu o próprio sistema, desenvolvendo os conceitos da Psicologia Analítica.

Para uma melhor compreensão dos conceitos da Psicologia Analítica, no presente capítulo serão apresentados, de maneira breve, alguns dos princípios básicos da teoria: psique, consciência, ego, inconsciente pessoal, complexos, inconsciente coletivo e arquétipos.

### 2.2.1. Psique

Segundo Hall e Nordby (2014), a personalidade como um todo é denominada como psique. A palavra tem origem latina e significava, originalmente, "espírito" ou "alma", porém atualmente tem o significado de "mente". Todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos (conscientes e inconscientes) são abrangidos pela psique, que funciona como um guia que regula e habitua o indivíduo ao ambiente social e físico.

Hall e Nordby (2014) afirmam que o conceito de psique sustenta a ideia de Jung sobre um indivíduo ser um todo, e não uma reunião de partes. Segundo ele, o homem não luta para se tornar um todo, ele já nasce como um todo. Assim, cabe a cada indivíduo desenvolver a essência desse todo, levando-o ao mais

alto grau possível de harmonia, coerência e individuação, tomando o cuidado para não ocorrer a transformação em sistemas fracionados, conflitantes e autônomos, já que uma personalidade dissociada é uma personalidade deformada.

A psique, segundo Hall e Nordby (2014) é separada em três níveis: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

### 2.2.2. Consciência

Jung (1981) define a consciência como a única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo. É a função que mantém a relação do ego com os conteúdos psíquicos, conteúdos esses que, na consciência, são entendidos e reconhecidos como parte dela.

A consciência, segundo Hall e Nordby (2014), aparece logo cedo na vida. Quando uma criança reconhece e identifica os pais, os brinquedos e outros objetos, é notável a percepção consciente. Essa percepção só tende a crescer por força da aplicação do que Jung denominou como quatro funções mentais, sendo essas: pensamento, sentimento, intuição e sensação, e são funções que não são usadas na mesma proporção. O que diferencia uma criança de outra é a utilização principal de uma dessas quatro funções. Por exemplo: quando uma criança pertence ao tipo pensativo, ela será muito diferente de uma criança que pertence ao tipo sensitivo.

Além dessas quatro funções mentais, Hall e Nordby (2014) afirmam que há duas atitudes que determinam o rumo da consciência: a introversão e a extroversão. A atitude extrovertida direciona a consciência para o mundo externo (objetivo) e a atitude introvertida direciona a consciência para o mundo interior (subjetivo).

### 2.2.3. Ego

O Ego é definido por Jung (1981) como a organização da mente consciente que se compõe de percepções conscientes, de recordações, sentimentos e pensamentos. Nada disso pode chegar à consciência sem o reconhecimento do ego. O ego é muito seletivo. No dia a dia é possível observar

um grande número de experiências que não se tornam conscientes. Isso acontece porque o ego as elimina antes que cheguem até a consciência. Essa função é fundamental, pois sem elas ficaríamos sobrecarregados pelo material acumulado na consciência.

#### 2.2.4 Inconsciente Pessoal

As experiências que não se tornam conscientes, segundo Jung (1981), são armazenadas no que ele define como inconsciente pessoal. Ele é uma parcela do inconsciente que possui relação com os conteúdos que foram adquiridos por meio de vivências e experiências que foram reprimidas ou desconsideradas em algum momento da vida do indivíduo, o que acontece por diversos motivos, como, por exemplo, um pensamento entristecedor, um problema não resolvido ou um conflito pessoal, e isso ocorre porque essas experiências não parecerem importantes na época em que foram vividas. Sendo assim, todas as experiências fracas demais para atingir a consciência ficam armazenadas no inconsciente pessoal.

#### 2.2.5 Complexos

Jung (1991) define os complexos como conteúdos ou ideias carregadas de emoção que interferem na vontade e no desempenho da psique. Eles se organizam a partir de experiências emocionais significativas do indivíduo. Os complexos podem agir sobre o ego, interferindo no funcionamento adequado da consciência, perturbando a adaptação criativa do sujeito. O ego nem sempre é capaz de absorver a intensidade afetiva relacionada à determinada vivência, criando-se um complexo que, como um ímã, atrai para si uma rede de experiências similares, transformando-se num núcleo energético no psiquismo inconsciente. O ego não possui estrutura adequada para integrar à consciência certos tipos de experiências. Assim, para Jung (1991), o complexo:

Se manifesta como uma formação autônoma, que se infiltra através da consciência. Podemos considerar a consciência como sendo nossa própria existência psíquica, mas o complexo também tem *sua* existência psíquica própria, independentemente de nós mesmos. Esta

afirmação parece formular perfeitamente todos os fatos observados (JUNG, 1939 p.13).

Segundo Hall e Nordby (2014), o teste de associação de palavras foi o primeiro projeto importante de Jung e funciona da seguinte maneira: uma pessoa lê uma lista de palavras (“flor”, “árvore”, “céu”) para outra pessoa, que recebe instruções para responder com a primeira palavra que lhe vier à mente (“flor” – “margarida”, “árvore” – “folha”, “céu” – “azul”). Jung observou que a pessoa demorava muito tempo para responder e não sabia explicar o porquê da demora e supôs que a demora fosse provocada por uma emoção inconsciente que inibia a resposta. Observando mais a fundo, ele percebeu que havia outros tipos de reações: ao invés de responder com uma só palavra, tinham pessoas que respondiam com uma frase, outras que repetiam a palavra que foi lida, outras riam, outras transpiravam etc. Assim, segundo Silveira (1992), Jung descobriu que todas essas reações indicariam que a palavra lida havia atingido um conteúdo emocional, oculto no íntimo do examinando, no inconsciente. Definiu esses conteúdos como “complexos de ideias dotadas de forte carga afetiva”, denominando-os como “complexos afetivos” ou simplesmente “complexos”.

Withmont (1969) diz que o elemento central dos complexos são os arquétipos que estão presentes no inconsciente coletivo. O arquétipo funciona como uma espécie de imã que atrai as experiências significativas de nossas vidas. Entre elas estão os complexos, que são sempre projetados, pois todos os comportamentos são arquetípicos, porém também são pessoais, ou seja, todo indivíduo tem o mesmo arquétipo, mas a experiência individual de cada um é diferente. O complexo estrutura o inconsciente coletivo para o inconsciente pessoal e se manifesta através da projeção, pois é por meio dela que o complexo inconsciente tenta chegar à consciência.

Withmont (1969) exemplifica que, quando os indivíduos são tomados pelo complexo, tendem a fazer coisas que se arrependem futuramente, mesmo sabendo que podem ser coisas destrutivas. Quando se arrependem a pergunta feita é “o que deu em mim?”, sem levar em consideração que na realidade “outra personalidade” separada assumiu o controle. Segundo Silveira (1992):

A verdade é que não somos nós que temos o complexo, o complexo é que nos tem, que nos possui. Com efeito, o complexo interfere na vida consciente, leva-nos a cometer lapsos e gafes, perturba a memória,



envolve-nos em situações contraditórias, arquiteta sonhos e sintomas neuróticos. O complexo obriga-nos a perder a ilusão de que somos senhores absolutos em nossa própria casa (SILVEIRA, 1992, p. 30).

Segundo Withmont (1969), é importante lembrar que o complexo nem sempre é negativo. O que determina a patologia ou a criatividade do complexo é o seu grau de autonomia. O complexo só é destrutivo quando a sua energia afetiva começa a se dissociar da realidade, podendo levar o indivíduo até mesmo ao estado psicótico, quando o ego desaparece e a consciência é invadida por espíritos malignos, vozes ou visões. Em seu estado construtivo, o complexo leva à criatividade, quando o cotidiano do indivíduo é interrompido por ideias novas, como criações literárias ou artísticas. Assim, o que determina se o complexo vai ser construtivo ou destrutivo é o quanto o ambiente está preparado para recebê-lo e torná-lo consciente.

É possível afirmar, segundo Withmont (1969), que os complexos são cartas que o destino deu a todos os indivíduos, e com essas cartas (não com outras) se “ganha” ou se “perde” o jogo, e se as pessoas agirem como se as cartas não existissem, ou se pedirem cartas diferentes, elas serão derrotadas antes do jogo começar.

#### 2.2.6 Inconsciente Coletivo

Jung (2000) afirmou que os conteúdos referentes ao inconsciente coletivo nunca fizeram parte da consciência, ao contrário do inconsciente pessoal, pois tratam de imagens herdadas do passado ancestral, o qual inclui todos os antecessores humanos, os pré-humanos e os animais. Por exemplo: herdamos a tendência de temer as serpentes e a escuridão pois nossos ancestrais experimentaram esses medos ao longo de muitas gerações.

Nem sempre os conteúdos que vinham à tona nos sonhos dos pacientes de Jung eram de vivências individuais. Jung (1981) identificou algumas imagens que continham aspectos coletivos, históricos e que se reproduziram universalmente. A essas imagens ele deu o nome de arquétipos.

## 2.2.7 Arquétipo

A palavra arquétipo, segundo Ramos e Machado (2005), tem origem grega e significa um modelo original que conforma outras coisas do mesmo tipo. É o ponto de partida, o referencial, a marca, o elemento primordial que serve de referência. Jung (2000) se apropriou do termo e fundamentou nele boa parte de sua reflexão, desenvolvendo o conceito do inconsciente coletivo.

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições gravaram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas a princípio apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação (Jung, 2000, p. 58).

É importante não confundir os arquétipos com concepções que se têm desenvolvidas na mente, como imagens e lembranças de experiências passadas em nossa existência. Segundo Jung (2000) apud Hall e Nordby (2014), os arquétipos são universais, sendo assim, todos herdam as mesmas imagens arquetípicas básicas. Somente com o tempo essas imagens vão se ampliando. Uma criança herda, por exemplo, um arquétipo materno. Esse arquétipo vai se ampliando de acordo com a imagem definida pela mãe verdadeira dessa criança, pois cada indivíduo tem experiências diferentes com suas mães. Essa diferença ocorre até de filhos da mesma família.

Assim, segundo Jung (2000), as representações mais características do arquétipo materno são: a mãe, a avó, a madrasta, a sogra, a ama de leite e mulheres com quem nos relacionamos; no sentido mais elevado temos a mãe de Deus; em um sentido mais amplo, a igreja, a terra, a matéria, o mundo subterrâneo, a lua; em sentido mais restrito, o jardim, a gruta, o poço profundo; restringindo ainda mais, temos o útero, as formas ocas, o forno, o caldeirão e o túmulo, entre outros. Jung (2000) diz:

[...] Seus atributos são o “maternal”:, simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar de transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal [...] (JUNG, 2000, p. 92).

Os arquétipos são conteúdos presentes no inconsciente coletivo e se manifestam em diversas culturas e épocas. Alguns desses arquétipos receberam uma atenção especial de Jung (2000), que são a Persona, Sombra Anima (Feminino), Animus (Masculino) e o Self.

A palavra “persona”, segundo Hall e Nordby (2014), significava originalmente uma máscara usada por um ator que lhe permitia compor um determinado personagem em uma peça. Na psicologia analítica, o arquétipo de persona de Jung (2000) tem um objetivo semelhante: o indivíduo utiliza uma máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite. A persona pode conter dados reais do indivíduo, mas não dizem respeito a essência da pessoa, apenas sua ocupação social.

O papel da persona na personalidade pode ser tanto prejudicial como benéfico. Em seu lado benéfico, segundo Withmont (1969), há a função da adaptação social que a persona desempenha no indivíduo que o faz assumir papéis sociais que lhe são designados desde a infância. Já em seu lado prejudicial, existem possibilidades de um relacionamento inadequado com o arquétipo da persona, podendo resultar tanto na fixação da persona ou na recusa ou incapacidade de aceitar qualquer exigência ou adaptação coletiva.

De acordo com Withmont (1969), a sombra é definida como uma parte da personalidade do indivíduo que foi reprimida para que um ego ideal pudesse ser beneficiado. Zheig & Abrams (1994) afirmam que a sombra se desenvolve naturalmente em todas as crianças. Características que são colocadas como “ideais de personalidade” são encorajadas desde cedo, como a generosidade, a boa educação e a bondade, e são colocadas na persona. O que não está dentro dessas características (egoísmo, raiva, inveja, cobiças, tendências homicidas e suicidas) é colocado na sombra, que é mascarado pelo nosso eu mais adequado às normas convencionais.

Zheig & Abrams (1994) dão como exemplo a expressão da raiva e da agressividade, que podem ser aceitas em diferentes culturas e famílias, mas em muitas outras não, assim como a sexualidade, a vulnerabilidade ou as emoções fortes. Também podem ser aceitos ou não a expressão artística ou o

desenvolvimento intelectual. Assim, é importante lembrar que nem tudo o que é guardado na sombra são características negativas.

Muitas vezes, segundo Zheig & Abrams (1994), a sombra é vista indiretamente em traços e ações desagradáveis de outras pessoas. É aí que entra a projeção, que é quando o indivíduo reage de forma exagerada e intensa a qualquer qualidade, como a estupidez, a sensualidade e a preguiça de alguma pessoa ou grupo, sendo as reações ligadas a aversão ou grande admiração. Isso pode significar a sombra se revelando. É muito comum as pessoas atribuírem essas características apenas a outras pessoas e sempre evitá-las dentro delas. Withmont (1969) ressalta que é importante compreender que a sombra pode se manifestar como uma sombra positiva, ocorrendo quando o indivíduo sente identificação com suas qualidades negativas e reprime as positivas.

Segundo Hall e Nordby (2014), Jung qualificou a persona como “face externa” da psique. À “face interna” deu o nome de Anima para o lado feminino nos homens e Animus para o lado masculino nas mulheres. Cada indivíduo possui qualidades do sexo oposto e isso não diz respeito apenas ao sentido biológico (hormônios), mas também ao sentido psicológico das atitudes e sentimentos, e isso vai de acordo com a vivência pessoal de cada um.

Withmont (1969) exemplifica o cuidado (também atribuído ao materno) e a sensibilidade como características do arquétipo feminino, enquanto no arquétipo masculino ele utiliza a imposição de limites (também atribuído ao paterno) e o desejo de liberdade como exemplos. Assim, os aspectos de maior identificação dos arquétipos masculino e feminino que podem ser reconhecidos pelo indivíduo compõem a persona. Já os aspectos negados e reprimidos estão presentes na sombra.

Jung (1998) denomina o Self como o principal arquétipo do inconsciente coletivo, assim como o sol é o centro do sistema solar. Para ele, o Self se diferencia do ego, pois o ego possui a limitação de estar dentro da consciência, enquanto o self compreende toda a personalidade, incluindo a parte que não pode ser captada pela consciência.

Segundo Hall e Nordby (2014), o Self é o arquétipo da ordem, da organização e da união, pois ele atrai e harmoniza todos os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência. Quando uma pessoa afirma sentir paz consigo mesma e com o mundo significa que o arquétipo do Self está

exercendo corretamente a sua função. Porém, quando o contrário ocorre e a pessoa sente que tudo está fora de controle, tendo a impressão de “desmoronamento”, é porque o Self não está atuando de modo apropriado.

### 2.3 O complexo materno

Como citado anteriormente, o complexo materno possui um núcleo arquetípico, ou seja, se tratando do complexo materno, o núcleo é o arquétipo materno e suas diferentes representações. Assim, o complexo materno é descrito por Corneau (1999), conforme citado por Campelo (2010), como um dos “mais poderosos e influentes na psique, constituindo um resumo das lembranças da relação com a mãe e com outras figuras maternas” (CAMPELO, 2010, p. 26). O complexo materno é resultado de uma recordação da relação pessoal do indivíduo com a sua mãe, podendo ser positivo ou negativo. Embora o complexo materno tenha como primeiro referencial o relacionamento pessoal com a mãe, conforme a criança se relaciona com outras figuras com função materna, femininas ou não, ela adquire uma perspectiva mais coletiva dessa figura.

Jung (2000) compreende que a mãe sempre está ativamente presente na origem da perturbação, particularmente em neuroses infantis. Segundo o autor, quando os filhos de uma mãe superprotetora, por exemplo, sonham com frequência que ela é um animal feroz ou uma bruxa, tal vivência produz uma fragmentação na alma infantil e conseqüentemente uma possibilidade de neurose.

Quando um complexo é constelado, há na consciência um estado de perturbação, o que indica um desequilíbrio na psique. Nesse caso, Kast (1997) explica que, quando o indivíduo é dominado pelo complexo, ele tende a reagir emocionalmente às situações atuais de modo impróprio, reagindo não só à situação atual, mas sim a todas as situações da vida que se assemelham de maneira tão fatal ao que ela chama de “situação-complexo”, ou seja, a situação que mais o “marcou”.

Segundo Jung (2000), os efeitos do complexo devem ser vistos como sinais de que algo não está bem resolvido na vida do indivíduo ou que existe um conflito interno, já que o complexo se comporta como uma entidade autônoma que confunde e atrapalha consciência. Assim, Campelo (2010) diz que

reconhecer que o indivíduo tem um complexo materno positivo ou negativo “vai auxiliar na compreensão da dinâmica psíquica do indivíduo, indicando quais são as facilidades, dificuldades de desenvolvimento e possibilidades específicas de sua vida” (CAMPELO, 2010, p. 28).

Segundo Kast (1997), se durante a infância a criança teve uma experiência com a mãe de dedicação, atenção e envolvimento do amor maternal, ela provavelmente desenvolverá um complexo materno positivo, que determinará as expectativas em relação ao mundo, às outras pessoas e aos interesses. Já quando a mãe, por qualquer motivo, não conseguiu adequar-se a esta criança ou à realidade de ser mãe, a criança tem maiores chances de desenvolver um complexo materno negativo.

### 2.3.1 Possibilidades do Complexo Materno

#### 2.3.1.1 A hipertrofia do aspecto maternal

Segundo Jung (2000), o complexo materno na filha gera uma hipertrofia (aumento) do feminino ou então uma atrofia (enfraquecimento) do mesmo. A exacerbação (agravamento) do feminino significa a intensificação de todos os instintos femininos, e em primeiro lugar do instinto materno. Em seu aspecto negativo, a hipertrofia do aspecto maternal é representada por uma mulher cujos objetivos são unicamente restritos a conceber e parir. Para essa mulher, o marido fica em segundo plano, sendo apenas um instrumento necessário para a procriação e ser cuidado junto às crianças. Outro fato que acontece é que a sua própria personalidade fica em segundo plano, pois sempre vive pelos outros. Se ela não puder ter filhos, cuidará de animais, parentes ou da casa, por exemplo. Sua vida é vivida nos outros e, por conta disso, sua personalidade acaba sendo meio inconsciente.

Já em seu aspecto positivo, segundo Jung (2000), a hipertrofia do aspecto maternal é representada pela forma de amor e cuidado materno que está presente nas recordações inesquecíveis e nostálgicas da idade adulta. Representa, também, a capacidade do cuidado consigo mesma e com o outro, uma vez que o primeiro contato com o cuidado veio da mãe.

### 2.3.1.2 Exacerbação do Eros

Ao contrário da possibilidade falada acima, no caso da exacerbação do eros, há uma extinção completa do instinto materno que, segundo Jung (2000), leva a filha a uma relação incestuosa com o pai e de repulsa com a mãe, pois o eros exacerbado “provoca uma ênfase anormal sobre a personalidade do outro” (JUNG, 2000, p. 98). Uma mulher com esse tipo de complexo materno tende a buscar relações com homens casados no intuito de apenas perturbar o casamento. Quando o objetivo é alcançado, ela perde o interesse por falta de instinto materno e, assim, uma nova busca é iniciada. Em seu aspecto positivo, na exacerbação do eros há a possibilidade de, como sujeito perturbador, a mulher possa ser perturbada e, desse modo, seja transformada, tomando consciência de si mesma.

### 2.3.1.3 Identificação com a mãe

Segundo Jung (2000), nessa possibilidade do complexo materno há um bloqueio da própria iniciativa feminina, o que ocasiona na personalidade da filha ser projetada sobre a mãe. A filha, estando inconsciente de seu mundo instintivo materno e de seu eros, tende a supervalorizar e idealizar a mãe como modelo, criando assim sentimentos de inferioridade. Ela acaba querendo para si mesma as mesmas coisas que sua mãe queria para ela e, devido aos sentimentos de inferioridade, tende a se resumir a apenas uma versão estendida de sua mãe, não enxergando as suas próprias capacidades.

Em seu aspecto positivo, segundo Jung (2000), quando essa mulher desempenhar um papel para o marido (projeção intensa da anima do marido), há a probabilidade de que, de tanto desempenhar um papel imposto, ela extrapole o limite de suas forças. Dessa forma, talvez consiga descobrir quem realmente é.

### 2.3.1.4 Defesa contra a mãe

De acordo com Jung (2000), esse é o exemplo típico do complexo materno negativo. Nesse exemplo o lema é “qualquer coisa, menos ser como a

mãe!”. A filha luta para não ser como a mãe, sabendo de tudo o que não quer ser, porém ela não tem consciência do que quer ser. Tudo se resume a uma defesa contra a mãe, dificultando a construção de sua própria identidade. Essa mulher poderá futuramente se casar apenas para se livrar da mãe, e se isso acontece, a tendência é encontrar um marido com características parecidas com a da mãe que ela tanto quer se livrar. Jung (2000) diz:

Todos os processos e necessidades instintivos encontram dificuldades inesperadas; a sexualidade não funciona ou os filhos não são bem-vindos, ou os deveres maternos lhe parecem insuportáveis, ou ainda as exigências da vida conjugal são recebidas com irritação e impaciência. De certa forma, tudo isso não pertence às realidades essenciais da vida, uma vez que seu fim último é constituído unicamente pela defesa persistente contra o poder materno (JUNG, 2000, p.100).

Porém, segundo Jung (2000), há uma compensação desta atitude para um desenvolvimento espontâneo na inteligência, com o intuito de criar um espaço onde a mãe não exista, com a ênfase em suas necessidades próprias e na ruptura do poder materno através da intelectualidade.



### 3 MÉTODO

O presente estudo utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica descritiva e qualitativa. De acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) a partir do levantamento de referências teóricas publicadas, analisando e discutindo as diversas contribuições científicas. Além das referências teóricas, nesse trabalho foram utilizados filmes e documentários. Assim:

Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

Segundo Pizzani et al (2012), os objetivos da pesquisa bibliográfica são proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento; facilitar a identificação e seleção dos métodos e técnicas a serem utilizados pelo pesquisador; oferecer subsídios para a redação da introdução e revisão da literatura e redação da discussão do trabalho científico.

Gil (2008) afirma que uma das vantagens encontradas nesse tipo de pesquisa é o contato que se tem com vários assuntos apresentados e pontos de vista de autores diferentes:

Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas (GIL, 2008, p. 50).

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Segundo Ulson (1995), os mitos se referem sempre a realidades arquetípicas, isto é, a situações das quais todo ser humano se depara ao longo de sua vida, decorrentes de sua condição humana, como nascimento, casamento, envelhecimento e a morte. Assim, evocando sentimentos e imaginação, os mitos explicam, auxiliam e promovem as transformações psíquicas que se passam, tanto no nível individual como no coletivo de uma determinada cultura.

As deusas da mitologia grega são definidas por Woolger e Woolger (1989) como arquétipos femininos e são vistas como imagens e possibilidades de construção da personalidade feminina. Elas fazem parte do inconsciente coletivo e influenciam a estruturação da identidade da mulher até os dias atuais.

Bolen (1990) afirma que as deusas gregas são imagens femininas presentes na humanidade há três mil anos, porém, como arquétipos, podem moldar o rumo da vida das mulheres. Assim, a autora afirma que os arquétipos são responsáveis pelas principais diferenças entre as mulheres:

Tais mulheres diferem no aquele que dá mais valor à sua independência, enquanto enfoca alcançar objetivos que são importantes para elas; ou diferem ainda de outro tipo, aquele que procura intensidade emocional e novas experiências e, conseqüentemente, passa de um relacionamento para outro, ou de uma conquista para outra. Ainda outro tipo de mulher procura a solidão, e descobre que a sua espiritualidade significa o máximo para ela. O que é realização para um tipo de mulher pode não ter sentido para um outro tipo, dependendo de qual "deusa" esteja atuando na pessoa (BOLEN, 1990, p. 14).

Assim, Bolen (1990) relaciona Deméter, deusa da colheita e da fertilidade, como sendo o arquétipo materno. Deméter representa o instinto maternal desempenhado na gravidez ou através da nutrição física, psicológica ou espiritual dos outros. A autora afirma que, segundo a mitologia grega, Deméter foi a segunda filha dos titãs Réia e Crono, sendo a segunda a ser engolida por ele. Deméter foi a quarta esposa de Zeus e teve uma filha chamada Perséfone, que futuramente seria raptada pelo deus do mundo sombrio, Hades.

Segundo Bolen (1990), o rapto de Perséfone foi um dos acontecimentos mais marcantes para Deméter. Perséfone estava colhendo flores quando foi

raptada por Hades e levada até o submundo contra sua vontade. Ela gritou pela ajuda de Zeus, porém não foi ouvida. Deméter escutou e, então, decidiu procurar sua filha desesperadamente, por nove dias e nove noites, sem comer, tomar banho e dormir. Com muito rancor de Zeus, Deméter decidiu se retirar do Monte Olimpo. Foi para a terra e se disfarçou como babá de um mortal, porém, ao não conseguir transformá-lo em imortal, ficou furiosa. Decidiu parar de exercer a função de deusa da colheita, assim nada mais poderia nascer na terra. Por isso, Zeus resolveu intervir, enviando Hermes para buscar Perséfone no submundo e levando-a de volta para sua mãe.

Bolen (1990) afirma que a mulher que tem Deméter como arquétipo principal tende a considerar que ser mãe é o papel mais importante e significativo de sua vida. Quando consegue se tornar mãe, acha isso um papel realizador e tende a ser possessiva com os filhos.

No ano de 2009, durante uma homenagem em que Gypsy fez cantando para Dee Dee, ela disse: *“eu sempre digo, você é a razão de eu ter nascido, para ser a sua mãe”*. Essa e outras frases e tratamentos que Gypsy recebia de Dee Dee são características marcantes de uma mulher do tipo Deméter.

Segundo Bolen (1990), além de Deméter apresentar características nutridoras, ela também apresenta características destruidoras, o que pode ser associado a um complexo materno negativo. A partir do momento que ela resolve parar de exercer sua função, a humanidade foi ameaçada com a escassez. Em relação aos filhos, uma mãe do tipo Deméter pode, da mesma forma, ser destruidora para a construção da autonomia deles. Elas recusam aprovação caso os filhos cresçam mais independentes delas:

Uma mãe extremamente superprotetora tal como Deméter inibe o desenvolvimento da filha, querendo-a só para si e fazendo com que a filha torne-se dependente dela. Desta forma, a filha poderá ter medo de assumir a própria individualidade, recusando-se a crescer e recorrendo sempre à mãe quando encontra alguma dificuldade (CAMPELO, 2010, p. 45).

Assim, segundo Bolen (1990), essas atitudes da mãe acabam desencorajando a formação de relacionamentos dos filhos com os outros. Algumas mães do tipo Deméter sempre temem que algum evento ruim possa acontecer aos seus filhos. Essas mães podem agir como se antecipassem a

possibilidade de "um rapto" (como o de Perséfone por Hades) desde o momento que a criança nasceu. Em 2017, Gypsy foi entrevistada pelo psicólogo estadunidense Phil McGraw e contou que Dee Dee a forçava a usar cadeira de rodas e, quando ela andava escondida da mãe sem a cadeira, a mãe a punia a agredindo com um cabide. Gypsy relatou que Dee Dee dizia a ela que, caso ela contasse para alguém sobre conseguir caminhar normalmente e outras situações, ela bateria com um martelo em seus dedos. Ela disse, também, que em uma das punições, Dee Dee utilizou algemas e a deixou presa em sua própria cama por duas semanas, pois Gypsy tinha tentado fugir de casa com documentos que provavam a sua verdadeira idade.

Vale ressaltar, novamente, que um dos médicos que atendia Gypsy desconfiou que Dee Dee tivesse Síndrome de Munchausen por Procuração. Ao trabalhar com o patológico na dimensão da psique, Jung (1935) situa a psicopatologia como uma variante do desenvolvimento normal do arquétipo. Segundo ele, as enfermidades são distúrbios de processos normais e nunca uma entidade por si dotados de uma psicologia autônoma.

Segundo Bolen (1990), os filhos da mãe tipo Deméter dominadora ocasionalmente permanecem para sempre junto dela, com o cordão umbilical psicológico intensamente intacto. Dominados pela sua personalidade, eles permanecem "filhinhos da mamãe", ou "filhinhas da mamãe", até a idade adulta. Perséfone e Deméter representam um padrão comum mãe-filha, no qual uma filha é por demais íntima da mãe para desenvolver um sentimento independente de si mesma. O lema para esse relacionamento é "mamãe sabe melhor". A filha tipo Perséfone quer agradar a mãe. Esse desejo a motiva a ser "uma boa menina", ou seja, obediente, condescendente, cautelosa e muitas vezes resguardada ou "protegida" da experiência que produz até a insinuação do risco (BOLEN, 1990, p.160).

Bolen (1990) afirma que, no mito, a deusa Perséfone, filha de Deméter, era conhecida como Core (que significa "garota jovem") antes de ser raptada. Depois que foi raptada, passou a ser Perséfone, a rainha do Inferno. Core era uma deusa jovem, bonita e era associada com símbolos de fertilidade (o grão). Como rainha do Inferno, Perséfone é uma deusa experiente que reina sobre os mortos e guia os vivos que visitam o submundo. A autora afirma que, quando

Hermes chegou ao submundo, Hades logo deixaria Perséfone partir, porém antes ele deu a ela algumas sementes de romã e ela comeu.

Assim que Deméter e Perséfone se encontraram, aponta Bolen (1990), Deméter perguntou à filha se ela havia comido alguma coisa no submundo. Perséfone disse à mãe que Hades a forçou violentamente a comer sementes de romã, o que era mentira. Deméter, então, acreditou. Se Perséfone não tivesse comido nada, teria sido devolvida totalmente à Deméter, porém, como ela acabou comendo, teria que passar um terço do ano no submundo com Hades e dois terços na terra, junto de Deméter. Assim, tornou-se a rainha do Inferno. Segundo Bolen (1990), Perséfone (o arquétipo) induz a mulher a não agir e sim a ser conduzida pelos outros, sendo flexível na ação e passiva nas atitudes:

O desvio, a mentira e a manipulação são problemas potenciais para as mulheres tipo Perséfone. Sentindo-se incapacitadas e dependentes das outras que são mais poderosas, podem aprender a conseguir o que querem indiretamente. Podem esperar pela época oportuna para agir, ou usar a adulação. Podem contar apenas parte da verdade ou mentir completamente em vez de enfrentar a outra pessoa. (BOLEN, 1990, p. 172)

Segundo Dean (2016), Gypsy passou a mentir para a mãe para não correr riscos de agressões e ameaças, porém não foram as únicas vezes em que ela mentiu e omitiu informações: assim que foi encontrada, Gypsy logo mentiu dizendo que era inocente e que jamais faria nada de ruim à Dee Dee. Também passou anos após o assassinato sem confessar que na verdade era ela quem havia pedido a Nicholas para cometer o assassinato, e não que a ideia havia partido apenas dele. O fato de Gypsy querer esconder os verdadeiros desejos e instintos também pode ser explicado com o conceito da Sombra de Jung:

Infelizmente, não há dúvida de que o homem não é, em geral, tão bom quanto imagina ou gostaria de ser. Todo homem tem uma sombra e, quanto menos ela se incorporar à sua vida consciente, mais escura e densa ela será. De todo modo, ela forma uma trava inconsciente que frustra nossas melhores intenções. (ZWEING, C.; ABRAMS, J, 2011, p.24)

Assim, pode-se dizer que Gypsy apresenta, também, o aspecto mentiroso e manipulador de uma mulher tipo Perséfone, já que além de mentir e omitir, Gypsy pediu a Nicholas para que matasse Dee Dee, podendo ter agido inconscientemente manipulando-o, já que logo após o assassinato Nicholas foi

diagnosticado com transtorno do espectro autista, tendo a mentalidade de um garoto de 10 ou 11 anos.

Em entrevista com Phil McGraw, Gypsy disse que começou questionar sua vida quando conheceu sua vizinha e amiga Aleah Woodmansee, pois diferente dela, Gypsy não podia ter namorado e nem amigos. Assim, o interesse por garotos surgiu. Sabendo que Dee Dee jamais aceitaria, segundo Dean (2016), Gypsy falava sobre garotos apenas com Aleah. Certa vez, Gypsy tentou fugir da mãe: ela conheceu um homem em uma convenção de ficção científica e passou a se comunicar pela internet com ele. Na época, fevereiro de 2011, Gypsy e Dee Dee afirmavam que ela tinha 15 anos, mas na verdade ela tinha 19 anos, enquanto o homem tinha 35 anos. Ele levou Gypsy para seu quarto de hotel e Dee Dee acabou encontrando os dois. Depois desse ocorrido, Dee Dee quebrou o computador da família com um martelo e passou a falar mal da internet para os conhecidos.

Segundo Bolen (1990), embora a mãe tipo Deméter pareça ser forte e independente, essa aparência é muitas vezes enganosa. Ela pode encorajar a dependência de sua filha para mantê-la próxima de si, ou precisa que sua filha seja uma extensão de si mesma.

A mãe super solícita complica a própria tendência da pequena Perséfone de ser cautelosa e complacente se desde a infância ela trata sua filha como uma frágil boneca necessitada de proteção e supervisão. Quanto mais preocupada com o fato de que a filha possa cair e se machucar do que deleitada quando ela dá os primeiros passos vacilantes, está enviando a primeira de muitas mensagens semelhantes que equaciona tentar alguma coisa nova e, portanto, difícil, com risco e preocupação. Quando repreende sua filha por tentar alguma coisa por si mesma, dizendo "você deveria ter perguntado antes", a mensagem na verdade é "espere por minha ajuda". Permanecer dependente é a admoestação não falada (BOLEN,1990 p.164).

#### 4.1 O mito na atualidade – Filme “Enrolados” (2010)

Segundo Santos (2016), o Filme *Tangled* (ou “Enrolados”, de 2010) é baseado no conto de fadas “Rapunzel”, dos Irmãos Grimm. O personagem Flynn Ryder é o bandido mais procurado do reino. Um dia, quando fugia depois do

roubo de uma tiara, ele se escondeu em uma torre onde conhece Rapunzel, uma jovem prestes a completar dezoito anos que tem um enorme cabelo dourado, de vinte e um metros de comprimento. Assim que o vê, Rapunzel se assusta e o desmaia com um golpe utilizando uma frigideira. Rapunzel deseja deixar seu confinamento na torre para ver as luzes douradas que sempre surgem no dia de seu aniversário. Assim, faz um acordo com Flynn: ele a ajudaria a fugir e ela lhe devolveria a valiosa tiara que havia roubado. Só que Gothel, mãe de Rapunzel que a manteve na torre durante toda a sua vida, não quer que ela deixe o local de jeito nenhum.

Segundo Santos (2016), a bruxa deixou a princesa aprisionada no alto de uma torre e, assim, ela crescia em um mundo entre quatro paredes, sonhando com o momento em que realmente começaria a viver. Enquanto isso, Gothel falava que o mundo lá fora era muito perigoso e que onde ela estava era o lugar mais seguro, dizendo a frase “mamãe sabe melhor”, frase que marca o relacionamento tipo Perséfone e Deméter, no qual a identidade de Rapunzel estava inconsciente.

Em entrevista para o documentário da HBO, que foi ao ar em 2017, “Mommy Dead and Dearest” (“Mamãe Morta e Querida”, em português), Gypsy disse que gostou muito do filme “Enrolados”. Gothel mantém Rapunzel em uma torre e não a deixa sair de lá. Segundo as palavras de Gypsy, “*a torre é tudo o que ela conhece*”. No final, Gothel morre sendo jogada de uma janela, pois Rapunzel tentou se defender e sair da torre. Gypsy disse que aprendeu da maneira errada que a vida real é diferente de contos de fadas.

Segundo Santos (2016), este é um exemplo da influência tóxica de uma mãe sobre a filha, resultando na defesa contra a mãe, pois há em Rapunzel um entendimento de que sua vida será melhor quando sair do lugar de onde sua mãe tanto a prendeu, e que só terá conquistas se lutar com o universo exterior que lhe é tão ameaçador. Apresenta-se na forma de uma intensificação dos instintos provindos da mãe ou, às vezes, ocorre até a extinção dos instintos.

Jung estudou a vida inteira sobre os símbolos (1990) e, por isso, é importante analisar na história de Gypsy a diferença entre o simbolismo e o concretismo. Todo indivíduo tende a querer conquistar sua autonomia em alguma etapa da vida e isso começa na diferenciação entre pais e filhos. É na adolescência que os indivíduos se revoltam com os pais, pois percebem que

pensam diferente. É aí que começa o processo de autonomia, podendo também ser chamado de “matar os pais” no simbolismo. Namorar quem os pais não querem, rejeitar conselhos para a carreira profissional, o estilo de vida deles etc. Isso significa matar o pai e a mãe interno, que está dentro de cada indivíduo, e se tornar o próprio pai ou a própria mãe. Uma morte simbólica. Quando este processo não acontece, por diversos fatores, pode acontecer o assassinato de fato.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da desconfiança sobre a patologia, Dee Dee morreu antes de ser diagnosticada com a Síndrome de Munchausen por Procuração. Porém, existem bons argumentos para relacionar a síndrome a Dee Dee: ela simulava sintomas em Gypsy com a intenção de obter ganhos, como doações e viagens.

Comparando suas ações através da psicologia analítica, Dee Dee tinha atitudes intensas de uma mulher tipo Deméter. A diferença é que as atitudes dela que inibiam o desenvolvimento de Gypsy eram muito mais concretas e não simbólicas.

Como a jovem Core, Perséfone representa a garota que não sabe “quem ela é” e não tem consciência dos seus desejos e forças. Gypsy não sabia quem era, e isso em vários aspectos: demorou anos para ela descobrir a própria idade e só foi capaz de descobrir que havia algo errado com sua vida quando se comparou com sua amiga e vizinha, Aleah, observando que não havia nada de errado em querer ter amigos e querer um namorado. Assim, Gypsy passou anos vivendo como uma criança, se vestindo como criança e sendo tratada por todos como uma, inclusive quando já era maior de idade. Com todos os fatos apresentados, percebe-se que Gypsy era inconsciente de seus desejos.

Porém Gypsy também apresenta aspectos sombrios: a mentira, a manipulação e a omissão. Assim, considerando que um dos objetivos do estudo foi ampliar novas possibilidades de interpretação e perspectivas, Gypsy é mostrada como a filha vítima da forte opressão da mãe e como a mandante de um plano sombrio: o assassinato de Dee Dee. Gypsy pensou que não conseguiria se livrar da mãe tóxica sem ajuda e assim que pode, pediu a ajuda de Nicholas, que, acreditando que estava fazendo um bem e salvando-a, aceitou cometer o assassinato. Porém, como foi dito antes, Nicholas tem a mente de um garoto de 10 ou 11 anos de idade, sendo facilmente manipulável. Como foi dito, Gypsy viveu durante anos como uma criança e, curiosamente, a pessoa com quem se relacionou tinha uma mente infantil, o que leva mais uma vez à reflexão sobre os aspectos da sombra de Gypsy.

Observando a Psicologia Analítica e todas as contribuições de Jung e analisando a vida de Gypsy, é possível concluir que ela passou por duas possibilidades do complexo materno: a identificação com a mãe e a defesa

contra a mãe. Ambas têm em comum a identidade da filha em estado inconsciente, já que em um apenas a mãe é o modelo e no outro o lema é ser tudo, menos igual a mãe. Afinal, o que possibilita os indivíduos de serem adultos psicologicamente sadios e maduros é se tornar independentes dos pais, pois se isso não acontece, o indivíduo é sempre guiado pela lei de outros e não por sua própria identidade (identificação com a mãe), assim como se conciliar simbolicamente com eles, ou seja, não ter mais o sentimento de rejeição, pois quando se rejeita os pais totalmente, se rejeita também parte de si mesmo.

Gypsy Rose Blanchard não teve oportunidade e nem ajuda para seu processo de individuação, o que causou uma fatalidade: ela não resolveu suas questões de autonomia com a mãe de forma simbólica e não viu alternativa a não ser resolvê-las de forma concreta.

## REFERÊNCIAS

AION. **Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, [1951] 1990. (Obras completas de C. G. Jung v. IX/1).

ASHER, R. **Munchausen's Syndrome**. Lancet 1951,1:339-41. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders IV. Washington (DC): American Psychiatric Association; 1994.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. São Paulo: Univ. Cidade São Paulo, v. 18, n. 3, 2006, p. 265-274.

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.

BYINGTON, C. A. B. **Psicopatologia Simbólica Junguiana**. Montevideu: Prensa Médica Latinoamericana, 2006.

CAMPBELL; J. MOYERS, B. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPELO, Luciana Gonçalves. **Relacionamento entre mãe e filha**. Monografia (Especialização em psicologia analítica). Curitiba: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2010.

CARDOZO, Missila Loures. **A construção emocional das marcas: o uso de arquétipos e esteriótipos**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120111871902791225699358690223233085459.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

DEAN, Michelle. **Ela teria sido uma mãe perfeita para alguém que estivesse realmente doente**. Disponível em <<https://www.buzzfeed.com/br/michelledean/dee-dee-e-gypsy>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

DR PHIL. **Dr. Phil Presents Excerpts From Exclusive Interview With Gypsy Rose Blanchard in 'The Killer Thorn of Gypsy Rose' Podcast**. Disponível em: <https://www.drphil.com/videos/dr-phil-presents-excerpts-exclusive-interview-gypsy-rose-blanchard-killer-thorn-gypsy-rose-0/>. Acesso em: 27 jul. 2019.

ESTADÃO. **Índice de homicídios no Brasil é cinco vezes média global**. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,indice-de->

homicidios-no-brasil-e-cinco-vezes-media-global,70002312593>. Acesso em: 28 mar. 2019.

EXAME. **Índice de homicídios no Brasil é cinco vezes a média global, aponta OMS**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/indice-de-homicidios-no-brasil-e-cinco-vezes-a-media-global-aponta-oms/>>. Acesso em: 30 fev. 2019.

FERRÃO, Ana Carolina Fernandes; NEVES, Maria da Graça Camargo. **Síndrome de Munchausen por Procuração**: quando a mãe adocece o filho. Brasília: Comun. ciênc. saúde, v. 24, n. 2, p. 179-186, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, C. S.; NORDBY, V. J. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

HOUMATODAY. **Judge**: Psychologist can testify in murder trial. Disponível em: <<https://www.houmatoday.com/news/20161130/judge-psychologist-can-testify-in-murder-trial>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

JOHNSTON, J. E. **Munchausen by Proxy or Con Artist Mom?** Gypsy Blancharde and the Life and Death of Her Mother. Disponível em <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-human-equation/201705/munchausen-proxy-or-con-artist-mom>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O.C. vol. VIII. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e religião**. Tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis/RJ: Vozes, 1978.

JUSBRASIL. **Do Homicídio - Artigo 121 do Código Penal**. Disponível em: <<https://ferciardo.jusbrasil.com.br/artigos/177410501/do-homicidio-artigo-121-do-codigo-penal>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

KAST, Verena. **Pais e filhas Mães e filhos**: caminhos para a autoidentidade a partir dos complexos materno e paterno. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MOMMY Dead and Dearest (“Mamãe Morta e Querida”). Direção de Erin Lee Carr. Estados Unidos da América: HBO, 2017.

OLIVEIRA, A.W.D. **Sociedade e Sombra**: Expressões na Criminalidade. Porto União/SC: FUnC, Fundação Universidade do Contestado, 2010.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Campinas/SP: Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/522>>. Acesso em: 22 set. 2019.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Decreto-lei Nº 3.914, de 9 de dezembro de 1941**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del3914.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3914.htm)>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PSICOLOGIAS DO BRASIL. **Enrolados: a influência materna negativa e libertação de Rapunzel**. Disponível em: <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/enrolados-a-influencia-materna-negativa-e-libertacao-de-rapunzel/>>. Acesso em: 22 out. 2019.

PSYCHOLOGY TODAY. **Munchausen by Proxy or Con Artist Mom?**. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/the-human-equation/201705/munchausen-proxy-or-con-artist-mom>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

RAMOS, Denise Gimenez; MACHADO, Péricles Pinheiro. **Consciência em evolução**. São Paulo: Viver – mente e cérebro (Memória da Psicanálise Nº 2 - JUNG), n. 2, p. 41-49, [2005].

SÁ, A. A. de. **Criminologia clínica e psicologia criminal**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, N. **Jung: Vida e Obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SYMBOLON ARTIGOS. **Mitos e Arquétipos**. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/mitosearquetype.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

TANGLED (“Enrolados”). Produção: Roy Colin. Estados Unidos da América: Walt Disney Animation, 2010.

THE JUNG PAGE. **O Complexo Materno e O Feminino Emergente**. Disponível em: <<https://jungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/640-o-complexo-materno-e-o-feminino-emergente>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

ULSON, Glauco. **O método junguiano**. São Paulo: Editora Ática, 1995. Série Princípios.

UNIDADE DE GESTÃO E FORMAÇÃO. **A teoria dos complexos de C. G. Jung**. Disponível em: <<http://www.posugf.com.br/noticias/todas/1737-a-teoria-dos-complexos-de-c-g-jung>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

WITHMONT, E. C. **A busca do símbolo**: conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 1969.

WOOPER, J.B.; WOOLGER, R.J. **A Deusa Interior**. São Paulo: Cultrix, 1989.

ZWEING, C.; ABRAMS, J. **Ao Encontro da Sombra**: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.